

**DOLADER, Miguel Ángel Motis (2024). *Procesos Inquisitoriales de Judeoconversas en Aragón (1484-1492)*. Madrid: Editorial Dykinson, 437pp., ISBN: 978-84-1070-467-1.**

A documentação produzida pelo Santo Ofício espanhol é um tesouro que os ventos da história espalharam por toda a Europa. Esta dispersão precisa ser vencida por qualquer investigador que almeje abordar a Inquisição de forma aprofundada, seja para produzir uma história da instituição, seja para resgatar as vivências daqueles que ela perseguiu. E, uma vez na posse destes documentos, é requerida do historiador uma capacitação teórica que extraia, através da análise cuidadosa das palavras deixadas por inquisidores e réus, aspetos da realidade multifacetada em que o Tribunal da Fé existiu e atuou.

Por venturosa sorte, o livro *Procesos Inquisitoriales de Judeoconversas en Aragón (1484-1492)* combina numa só obra estas duas exigências. Sendo, essencialmente, uma compilação esmerada de vinte e cinco processos de viúvas conversas aragonesas, ela originou-se da tese de doutoramento em Antropologia Social e Cultural de Miguel Ángel Motis Dolader na Universidad Complutense de Madrid, intitulada *Vivencias, emociones y perfiles femininos. Judeoconversas e Inquisición en Aragón en el siglo XV*. Medievalista, professor catedrático na Universidad San Jorge de Zaragoza, com uma produção académica colossal e amplo domínio teórico de um vasto conjunto de campos historiográficos como a História Social, a História Cultural, História das Mentalidades e História do Direito, comprova-se a sua extraordinária aptidão pela acumulação de três títulos doutorais ao longo de três décadas de estudos, somando-se ao de Antropologia os de História e Direito, ambos pela Universidad de Zaragoza.

Não é de admirar, portanto, que o autor tenha logrado destilar de forma magistral uma riquíssima reflexão sobre teoria da história, análise de fontes, história e historiografia da Inquisição e dos *judeoconversos* em Aragão no reduzido espaço de 46 páginas – as restantes páginas são a transcrição paleográfica dos processos. Dividido em cinco “capítulos”, que melhor seriam categorizados como tópicos, pela sua brevidade, Motis Dolader guia-nos pelo percurso do ofício do historiador, começando pela recolha de fontes e aprontamento do arsenal teórico-metodológico, passando para o afunilamento do tema, gradativamente estreitando o enfoque do quadro geral sociocultural e geohistórico do Santo Ofício em Aragão até ao átomo epistemológico da análise, isto é, as vivências femininas de *judeoconversas* viúvas aragonesas em finais do século XV. O medievalista conclui a sua intervenção com um apa-

nhado da historiografia mais recente sobre os assuntos abordados. É ao trilhar este caminho, pavimentado por Motis Dolader, que a coleção de fontes que o sucede se torna em uma ferramenta valiosa para resgatar as vozes de mulheres triplamente marginalizadas: pela sua condição feminina, por serem viúvas e ainda conversas.

De todas as armas teóricas à disposição, o autor propõe no primeiro tópico a microhistória como forma de aceder a um passado dinâmico, sempre tendo em consideração que, inevitavelmente, haverá obstáculos na captura total do seu significado, pela natureza da fonte, fruto de um contexto histórico e intencionalidade específicos, e da sua relação com o historiador, cuja sina inescapável é tentar analisar o passado a partir de um “lugar” que impinge na interpretação final as delimitações epistémicas do referencial explicativo utilizado. Não obstante, Motis Dolader defende que o esforço de reconstruir as biografias destas mulheres *judeoconversas*, quase sempre silenciadas pelas forças patriarcais dominantes da época, outorga-lhe autoridade de discurso para se desvelar, com todas as nuances que seja possível detetar, um sistema de relações e redes que se interconecta com outras escalas maiores da realidade, permitindo uma visão macro dos fatores socioculturais que influenciam as suas identidades, memórias e emoções.

Conquanto que as protagonistas destas biografias hão de ser as viúvas *judeoconversas*, é incontornável estabelecer o contexto histórico no qual elas estão imersas, e sobre isto trata o segundo tópico, embora seja muito mais do que simplesmente uma concisa recapitulação do processo de fundação e estabelecimento do Santo Ofício em Espanha, e em Aragão em particular, com foco nos tribunais de Saragoça e Teruel. Os dados apresentados por Motis Dolader procuram mensurar não apenas o impacto demográfico da Inquisição nas comunidades conversas, mas também o efeito psicológico que a instituição produziu, e pretendeu produzir, no imaginário daqueles que perseguiu. Um ponto interessante levantado pelo autor foi que o medo, principal emoção que os inquisidores queriam provocar, não era o único sentimento que se verificou, uma vez que a conjugação do castigo com a prática do perdão ou absolvição dava resquícios de esperança aos processados, o que potencializava o efeito de disciplinamento social e espiritual.

O terceiro tópico retoma questões do primeiro, desta vez tratando as fontes e a microhistória com um olhar marcadamente mais antropológico. Motis Dolader discute com maior profundidade a legitimidade das fontes inquisitoriais, problemática em que tenta responder até que ponto os processos são testemunhos confiáveis das crenças ou mesmo das palavras das mulheres que foram perseguidas, enquanto sustém a abordagem microhistórica, exaltan-

do as suas semelhanças com a descrição densa e as suas potencialidades no campo da antropologia. É com este trecho da obra que se justifica o trabalho paleográfico de transcrição de processos, sempre com a advertência de que a sua leitura literal tem pouca utilidade: o que está plasmado no papel é uma representação verosímil, porém não idêntica, do que foi dito durante os interrogatórios e ainda menos das conversas referidas nos testemunhos, que ocorreram anos, às vezes décadas atrás. A marca da oralidade (ou a perda dela) quando o notário do Santo Ofício regista as respostas de testemunhas e réus é, como chama a atenção Motis Dolader, um aspeto muito pouco considerado, com estudos sobre o tema ainda bastante recentes.

O penúltimo “capítulo” da obra chega ao cerne da questão, qual seja, as principais personagens dos vinte e cinco processos compilados pelo medievalista. O autor, uma vez mais, demonstra destro domínio de um leque de abordagens historiográficas distintas, costurando-as para formar um instrumento analítico poderoso e multifacetado, que combina História das Mulheres e das Mentalidades com historiografia de crenças judaicas e práticas jurídicas inquisitoriais, somadas ao olhar antropológico sobre a condição social feminina. Estas viúvas *judeoconversas*, a geração imediatamente posterior àquela que foi forçada a se converter ao cristianismo, encontram-se numa complexa encruzilhada de identidades e de marginalizações. Já não mais judias, tampouco eram bem recebidas no seio da cristandade, que as encarava com desconfiança e desprezo. Seus costumes, herdados dos pais, e mais especificamente da mãe, que levaram com que elas caíssem nas malhas da Inquisição, tanto podiam ser uma aderência total ou parcial à crença da chamada Lei de Moisés, como podiam ser resquícios de uma religiosidade com a qual já não havia mais conexão devocional, mas apenas a perpetuação transgeracional de hábitos familiares que, após décadas de prática, muitas destas mulheres com idade avançada já sequer se lembravam de onde os haviam adquirido (ou assim o dizem). São estes os diversos aspetos dos seus testemunhos, a partir dos quais é possível laborar uma reconstrução do ato de “rememorar”, já que os seus depoimentos são resultado de uma indagação acerca de seu passado, muitas vezes longínquo, e que a maneira de o expressar – tanto a descrição de detalhes quanto os sentimentos associados a eles – denuncia a sua vivência numa sociedade patriarcal, social e espiritualmente intolerante.

As últimas páginas da autoria de Motis Dolader consistem num estado da arte acerca do tema Inquisição e *judeoconversos* em Aragão. Esperar-se-ia, nesta fase do livro, a mesma erudição multidisciplinar demonstrada nos tópicos anteriores. É exatamente isso, com efeito, com o que o leitor se depara nesta derradeira secção da obra, antes de entrar nas fontes transcritas. Aproximi-

mando-se da tarefa metodicamente, o historiador menciona primeiro como se encontra a produção sobre Santo Ofício espanhol, e o que há ainda a fazer, nomeadamente acerca de um cômputo da repressão inquisitorial para certos tribunais de distrito que ainda carecem deste tratamento estatístico. Em seguida, lista as reflexões e contribuições de estudiosos sobre os vários perfis sociorreligiosos dos *judeoconversos*, chamando atenção para a omnipresente polémica da veracidade do “perigo converso”, isto é, se a prática e a crença no judaísmo eram tão prevalentes quanto se dizia ser, ou se foi uma fabricação de uma Inquisição que nasceu de uma sociedade racista e imputava nos conversos culpas para justificar sua existência. As diferentes concepções encontram-se num espectro, e dificilmente se encontrará uma resposta definitiva. Para finalizar, Motis Dolader referencia o que existe de mais informativo sobre os tribunais e *judeoconversos* aragoneses em particular, e orienta novos caminhos de investigações sobre a temática.

Assim, termina a reflexão teórico-metodológica de Dolader, deixando-a como ferramenta para a análise da sua cuidadosa seleção de processos. Todavia, como dito anteriormente, esta relativamente curta intervenção possui subsídios gigantescos para qualquer investigação que queira abordar um assunto que envolva direta ou indiretamente as questões levantadas nesta obra. Esta riqueza teórica em tão poucas páginas é, sem dúvida, prova cabal dos méritos académicos deste autor.

V. ALEJANDRO MORALES

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

va.borgesmorales@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5464-2688>

